

## uma aproximação ao problema do anarquismo e a prática do atentado na argentina (1890-1930)

*martín albornoz*

### **Propósito**

O objetivo deste artigo é analisar algumas formas da presença anarquista na cultura argentina ao longo de sua história. Essas notas não tentam ser exaustivas, procurando apenas traçar um panorama para um estudo posterior. O artigo se articula em torno de certas interrogações que poderiam ser resumidas da seguinte maneira: como é possível que uma corrente tão distinta como a do anarquismo ficasse irremediavelmente associada a uma prática que, em especial na Argentina, foi minoritária e associada por um pequeno número de militantes que operaram à margem do movimento em seu conjunto? Considerando que existiram quase tantos tipos de anarquismo quanto há de existir de manias e que, na Argentina, o movimento anarquista se dedicou desde inícios do século XX à orga-

*Martín Albornoz é graduado em História e doutorando na Universidad de Buenos Aires. É bolsista do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET/Argentina), pesquisador no Instituto de Altos Estudios Sociales, da Universidad de San Martín, Argentina. Contato: martinalbornoz@gmail.com.*

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

nização sindical dos trabalhadores e à organização de uma diversidade de práticas culturais, a pergunta não parece irrelevante. Assumimos, além disso, que o atentado não foi a única forma de utilização da violência por parte dos anarquistas.

De modo diferente dos socialistas parlamentares afiliados ao Partido Socialista, os libertários concebiam como inevitável o emprego de violência contra o Estado e o capitalismo; mas essa violência, que buscava marcar uma ruptura ou uma *brecha*, segundo a linguagem da época, não se reduzia à propagação do atentado. Pelo contrário, a forma recorrente que assumiu a violência anarquista proveio das mobilizações e manifestações de rua e da proposição da greve geral revolucionária.

A associação entre atentados e anarquismo provém do entrecruzamento de distintos fatores. Escolho quatro para começar a desvendar a precoce associação entre anarquismo e violência terrorista, que, por sua vez, indicarão os quatro movimentos dessa reflexão:

1) que recepção tiveram na opinião pública argentina, desde finais do século XIX, os atentados, principalmente os europeus? Essa recepção inclui os próprios anarquistas; 2) o que aconteceu quando, em 1909, houve pela primeira vez um atentado bem sucedido contra uma figura reconhecida do Estado? Que leituras fizeram os próprios anarquistas desse atentado considerado como inevitável e excepcional?; 3) o que mudou nessa apreciação quando, anos mais tarde, também por parte de um pequeno setor do anarquismo, foi realizada uma série de atentados que traziam em si uma leitura diferente sobre a violência como acelerador e condição da revolução?; 4) uma vez que

o anarquismo se transformou em um elemento minoritário na esquerda e na cultura argentina, como foram repensados e inscritos na cultura política da chamada nova esquerda da década de 1970?

Das respostas a tais questões sairão alguns elementos que permitam pensar como impactaram os atentados anarquistas e que lugar lhes cabe na história argentina.

### **A preparação**

Existem diversos modos de captar o impacto dos atentados anarquistas na cultura argentina desde finais do século XIX. Uma curiosidade é que muitas dessas representações que o associaram quase diretamente ao *terrorismo com bombas* começaram a circular bem antes da realização de atentados na Argentina. De fato, a verbalização do “perigo anarquista”, com nuances, tinha muito peso antes que, em 11 de agosto de 1905, um desconhecido anarquista de origem catalã chamado Salvador Planas tentasse matar, sem sucesso, o presidente Quintana<sup>1</sup> próximo à praça San Martín.

No dia seguinte, segundo o jornal *La Nación*, a tentativa de assassinato teria sido um “acontecimento, felizmente, extraordinário em nosso país”<sup>2</sup>. Há que se dizer, ademais, que quando a imprensa, a polícia, os juízes que o condenaram e os próprios anarquistas deram-se conta de Planas, a desilusão não foi menor<sup>3</sup>. Planas não tinha nada de extraordinário no sentido do monstro político: era um bom operário, cumpridor de suas tarefas, autodidata, fanático por Cervantes. Tinha alguns traços mórbidos como a abstinência sexual e um coração contrariado porque sua

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

namorada o havia deixado<sup>4</sup>. Nada mais distante de um perigo em si mesmo.

Pouco importou que a figura de Planas desmentisse uma associação que já tinha, em 1905, contornos próprios e uma durabilidade a toda prova. Por meio do ensaio criminológico de corte lombrosiano, do memorando policial, da literatura, dos debates parlamentares, da imprensa comercial, do discurso socialista foi forjada uma imagem do anarquista como um terrorista que não tinha correlatos no país onde, a partir de princípios do século XX, o anarquismo se voltou principalmente à organização dos trabalhadores e da forja de uma cultura política específica que ainda em aberto confronto com o capitalismo e o Estado, nunca desenvolveu nenhuma forma voluntária de ação armada, muito menos de atentados. É fato que, a partir de 1901, tornaram-se recorrentes os enfrentamentos em manifestações (principalmente nos 1º de maio) e greves, mas há que se insistir que esses embates com as forças da ordem (que deixaram muitos mortos) resultavam da dinâmica na ação coletiva e da repressão do Estado. Ainda assim, o anarquismo estava associado muitas vezes à ação conspirativa-terrorista de pequenos grupos ou indivíduos que buscavam acertar um golpe exemplar, lançados das sombras, contra a ordem social na figura de seus principais representantes, quer fossem presidentes, ministros ou chefes de polícia.

É possível destacar dois fatores que tiveram muita importância, em seu tempo, na associação entre violência política e anarquismo. O primeiro deles foi a repercussão que teve na Argentina – um país formado basicamente por uma imigração abundante e recente – da onda de atentados anarquistas que aconteceram na Europa, principalmente

nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX. Nesse período, pessoas mais ou menos vinculadas ao anarquismo assassinaram Cánovas del Castillo (ministro de governo na Espanha), Sadi Carnot (presidente da França), William McKinley (presidente dos Estados Unidos), Sissi (imperatriz da Áustria) e Umberto I (rei da Itália). Cada um desses atentados, somados a outras tentativas frustradas que incluíram bombas de dinamite em câmaras de deputados, procissões religiosas ou militares, incluindo bares, teve um forte impacto na imprensa comercial argentina chamando a atenção, entre outras coisas, sobre o potencial *perigo anarquista*. Ter anarquistas na Argentina era potencialmente perigoso e parte da Lei de Residência de 1902 tratou de prevenir essa presença indesejável.

Para dar um exemplo, o assassinato de Umberto I da Itália, pelas mãos do anarquista Gaetano Bresci, num país no qual a maioria dos imigrantes recém-chegados era italiana, “assombrou” a opinião pública. No dia 20 de setembro de 1900, o semanário *Caras y Caretas* dedicou um número especial à cobertura das homenagens à memória de Umberto I no país. O editorial afirmava que queriam “evocar a lembrança da profunda impressão e da vibrante sensação de angústia que se espalhou por toda cidade ao se saber que Umberto I, querido e respeitado por seu povo, tinha sido assassinado por um fanático sectário de ideias subversivas”<sup>5</sup>. Nesse número de *Caras y Caretas* é possível ver uma coroa comemorativa ao rei, entre muitas que aparecem, em Concordia, cidade da província de Entre Ríos, que diz: “a Umberto, Rei da Itália, vítima inocente do fanatismo cego de uma seita maldita”. Outra, de Catamarca, sustenta uma ideia parecida: “assassinado traiçoeiramente por um infame sectário fanático”. Não importa muito se

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

esse juízo de angústia coletiva era verdadeiro ou não. O importante é que serve para ilustrar o impacto que tinha no país e como por essa via o anarquismo era visto como uma seita assassina e com uma forte propensão ao crime.

O segundo fator para reconstituir a relação do anarquismo argentino com os atentados é recorrer à sua própria imprensa. E, então, nos deparamos com uma ambiguidade inerente ao próprio anarquismo que, não sendo nunca massivamente violento, quase sempre reivindicou (ou não condenou) os atentados que aconteciam em outras partes do mundo. E mais, num primeiro momento, que logo foi atenuado, não apenas os reivindicava como os defendia.

Quando, em 1895, cumpriu-se um ano de que Santo Caserio assassinara o presidente da França Sadi Carnot – em represália pela morte na guilhotina de outro célebre anarquista, Ravachol – o diário libertário portenho *El Perseguido* afirmou: “já se passou um ano e a burguesia covarde e infame ainda chora (...), chora pensando na consciência que o povo adquire a cada dia porque será essa consciência que fará passar a todos os exploradores pelo caminho da morte. Enquanto isso, o povo ri da covardia burguesa, e hoje, enquanto a sentimental burguesia comemora esse dia com lágrimas e soluços, enquanto defuma com incenso seu corpo estropiado e levanta hinos de glória, nós gritamos forte, mais forte ainda: viva Caserio! Viva a anarquia!”<sup>6</sup>

Anunciavam, também, que à “puta burguesa impiedosa” da mulher de Carnot esperava um destino similar. Alguns anos depois, ainda que não se celebrasse tampouco se recomendasse o atentado, na ocasião do assassinado de Umberto I, o periódico *La Protesta Humana*, que estava

nas antípodas do anteriormente citado *El Perseguido*, considerava que não iriam chorar como faziam as “massas ignorantes” e as individualidades ilustradas sobre a tumba do rei morto. Em todo caso, esse assassinato era uma resposta lógica, um produto inevitável do espantoso que era o mundo burguês. O assassinato do rei era um reflexo socialmente determinado pelo meio ambiente. Por essa sociologia própria, então, os anarquistas fizeram malabarismos tanto para não condenar esse tipo de assassinato, quanto para não fomentá-lo, pois era a própria sociedade burguesa que motivava e, em última instância, explicava esses atentados: “do processo da sociedade burguesa”, registrou o mesmo *La Protesta Humana*, “resulta que ela mesma, com seus privilégios e suas injustiças, arma o braço dos regicidas. Por nós mesmos nada nos é factível realizar por ela. É seu produto. Não lhe resta mais que tragá-lo”<sup>7</sup>.

Então, a posição anarquista sobre os atentados na Argentina de princípios do século XX oscilou entre esses dois polos: a exaltação precoce ou a mais tranquila justificação determinista de pretensões sociológicas. O fato é que os atentados não foram condenados. Não obstante, havia um acentuado desejo dos anarquistas por se dissociar da prática violenta. Assim, o importante militante anarquista Gilimón<sup>8</sup> escreveu, em 1907, um panfleto intitulado “Os atentados anarquistas” no qual vaticinava que “não é possível chamar atos anárquicos os realizados por aqueles que, indignados e excitados em sua sensibilidade pelas crueldades e vinganças de alguns mandatários, resolveram atentar contra eles. Haverá justiça, haverá vingança, tudo que se queira, mas o fato em si não é anarquista, não vai pura e exclusivamente contra a instituição governo,

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

contra o regime autoritário; vai contra o homem, contra uma personalidade determinada e pelo que realiza, mais do que pelo que representa”<sup>9</sup>.

Um ponto interessante é que, diferentemente de outras perspectivas sobre os atentados anarquistas, Gilimón destaca que também pelas motivações não se pode sustentar que os atentados acontecidos pudessem ser considerados anarquistas: “em quase todos os casos em que se pôde investigar a vida do autor de um atentado, encontramos que determinaram a ação outros fatores independentes ou muito afastados do ideal anarquista, tais como amores contrariados, situações econômicas desesperadas, perseguições policiais opressoras, doenças crônicas; enfim, todos eles fatores internos e externos que levam os homens sem ideias anarquistas ao suicídio (...). Teremos que os chamados atentados anarquistas são geralmente recursos de suicidas, monomanias de celebridade, tudo menos anárquicos, pois não basta um homem ser anarquista para que seus atos possam intitular-se anarquistas”<sup>10</sup>.

Desse modo, simplificando sua complexidade, seria possível dizer esquematicamente que, para os anarquistas, as reações aos atentados podiam ser: 1) cerebrais e recomendáveis: as mais precoces opiniões que se registra sobre os atentados, logo menos frequentes, e que não foram contestadas; 2) determinadas socialmente: de acordo com a imaginação sociológica do anarquismo, foram as mais corriqueiras. Justificavam o recurso ao atentado como um reflexo ou irrupção que emanava da própria violência social; 3) expressões de uma sensibilidade ou mentalidade especial diante da injustiça do mundo, ainda que um tanto estranha a um ideal que professava a solidariedade e o princípio da não-autoridade; e finalmente, 4) caracte-



rizados como inevitáveis já que, quase qualquer um, reativamente, a título individual e movido pela injustiça do mundo podia se decidir a promover um atentado contra uma figura pública, gerando um efeito impactante.

## **A chance de Radowitzky**

Esse era mais ou menos o clima quando, no domingo 14 de novembro de 1909, o anarquista russo Simón Radowitzky, não muito conhecido nos meios locais, lançou uma bomba – das que eram chamadas de japonesas, que explodiam quando os elementos inflamáveis que a compunham entravam em contato por movimento brusco ou choque – dentro do veículo que transportava o chefe da polícia, coronel Ramón Falcón, e seu secretário particular de vinte anos de idade, Alberto Lartigau. Como resultado da explosão e pelo seu efeito atroz sobre seus corpos, ambos morreram no hospital poucas horas depois. Radowitzky, na sua fuá, tentou se suicidar, mas não teve a mesma pontaria contra ele mesmo. É preciso dizer que Falcón, além de máxima autoridade policial em Buenos Aires, era especialmente odiado pelos anarquistas argentinos por ser o responsável pelo massacre do 1º de maio daquele mesmo ano e responsável, também, por desbaratar a chamada “Greve dos Inquilinos” de 1907<sup>11</sup>. Falcón tinha uma aversão particular contra os anarquistas. A leitura dos grandes jornais e das elites foram os esperados juízos de “atentado criminoso”, “crime bárbaro”, “acontecimento selvagem”, “atentado covarde”, “ato de barbárie” e tantos outros adjetivos que pretendiam dar um sentido geral ao atentado<sup>12</sup>. Pela primeira vez o anarquismo local parecia estar à altura das representações que se tinha feito dele.

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

A imprensa anarquista reivindicou o acontecimento. O *La Protesta*, principal veículo de imprensa libertário, após ter sido fechado por dois meses, publicou sem ambiguidades, no dia 16 de janeiro, a manchete: “A execução de um carrasco e o medo de um tirano”. Mais detalhadamente, propunha-se a narrar o ocorrido como “A execução do carrasco, o heroísmo do autor, seu nome, como tudo se passou”<sup>13</sup>. Com o passar dos dias, foram relatados aprisionamentos, deportações e violências que, em geral, sofreram os anarquistas como represália pelo assassinato de Falcón, mas nunca deixaram de pensar que o ato estava plenamente justificado. Ninguém questionou nem as motivações, nem a nobreza do autor, nem o merecimento do atentado.

As justificativas, de um modo geral, se encaixam no registro indicado anteriormente. Como reação às determinações sociais, como excitação passional do espírito ou como vingança mediante o uso da legítima defesa.

Assim, um artigo publicado em *La Protesta* perscrutava a psiquê de Simón para defender sua inocência, dentro da própria lógica da psiquiatria penal: “Radowitzki agiu impulsionado por uma paixão extra-humana. A indignação produzida no ânimo desse jovem, amante apaixonado de uma humanidade nova, no ato do assassinato policial do 1º de maio, comoveu a psiquê disponível desse organismo predisposto a distúrbios sensitivos por circunstâncias congênitas e ambientais. Essa comoção o compeliu a pensar na mesma forma violenta que encarna a comoção mesma. A mesma jactância do agente pela realização do ato considerado delituoso prova o estado mórbido de seu organismo...”<sup>14</sup>.

Não houve dúvidas entre os anarquistas de que, em parte por sua excepcionalidade, Radowitzky era inocente. Estava plenamente justificado pelo ambiente, por seu próprio temperamento e pela vingança necessária que devia recair sobre o carrasco Falcón. Mas, nas fileiras libertárias, se esteve muito distante de estimular o uso do atentado. Era possível, inclusive, encontrar algum texto advertindo que não se devia aplaudir o que era um mero efeito da ordem social. Falcón, de algum modo, tinha se autocondenado. Santiago Locascio, conhecido agitador do anarquismo em princípios do século XX, publicou em 29 de janeiro de 1910 um artigo intitulado: “Aplauso ou reprovação”, no qual sustentava: “Cremos que o atentado individual é uma consequência lógica do estado anormal da vida atual... é sim um produto espontâneo de um ambiente anormal; não cremos na virtude de quem comete o ato, portanto seria demais aplaudir... O atentado individual se justifica e, ao ser justificado, não se deve entender como uma declaração de apoio, tampouco se deve condenar, porque jamais se pode impedir, nem insuflar. Nos causam graça tanto os artigos apologistas quanto os condenatórios. Nos primeiros se vislumbra a simpleza de quem os escreve, nos outros a baixeza e o pouco entendimento”<sup>15</sup>.

É possível dizer, para encerrar essa primeira etapa sucintamente narrada, que a sensibilidade anarquista diante do atentado era na forma de uma justificação genérica, sem uma necessária teorização da violência que não fosse pela via sociológica ou justiceira (que acabava compondo com a primeira). Era um assassinato cruel, mas perfeitamente orientado a um objetivo, sem maior projeção no futuro e com uma clareza notável. O perpetrador se fazia presente e responsável pelo seu ato e com seu gesto não

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

falava por ninguém que não ele próprio, ainda que evocasse o “povo”. Era tão expressivo em si mesmo que podia permanecer calado na maior parte do processo judicial. Não evitava seu destino nem operava nas sombras. Os dois atentados mencionados – o de Planas contra Quintana e o de Radowitzky contra Falcón – foram ao meio-dia e ambos tentaram se suicidar. Não esperavam que seus “feitos” fossem o acelerador da revolução, nem sequer um estímulo para outros atentados similares. De fato, passaram-se muitos anos, mais de uma década, antes que algo semelhante voltasse a acontecer quando, em 1923, Wilckens matou a Varela, responsável pelo fuzilamento de operários na Patagônia<sup>16</sup>. Radowitzky encarnou quase à perfeição o que Camus denominou “assassinato delicado”<sup>17</sup>. Insisto, a violência terrorista, contemplada em todo movimento revolucionário, não tinha para o anarquismo nada de jacobina, tampouco bolchevista ou foquista, no sentido dado por Che Guevara para o termo: não gerava condições nem objetivas nem subjetivas (em si mesmas) para o advento da anarquia. Resumia-se completamente – na avaliação dos próprios anarquistas – ao que se considerava como “violência defensiva”.

Era uma espécie de violência delimitada. Segundo Fabbri, “a violência deve ser usada o menos possível em todos os casos somente como meio defensivo”<sup>18</sup>. É evidente que sob o manto do defensivo ingressam diversas formas de violência, mas nunca como uma atividade específica de um grupo ou comando, porque entediam, alertados pelas experiências passadas – como a Comuna de Paris – que a violência podia se tornar incontrolável e justificar, ainda que com seu heroísmo, repressões maiores, tal qual aconteceu após o assassinato do coronel Ramón Falcón.

Outra questão era a dos meios e dos fins. Digamos que os anarquistas, ao pretender dissolver ao máximo no plano político-doutrinário essa distinção, não podiam desconsiderar que a utilização da violência trazia em si a constituição de uma sensibilidade violenta que contrariava os postulados da fraternidade, reciprocidade e amor universal como laço social liberado.

Envolvidos como estavam na ação coletiva e na produção de formas de sociabilidade alternativas, os anarquistas argentinos não se viram obrigados a teorizar nem a refletir especialmente sobre algo que, em última instância, lhes era estranho e que, quando aconteceu, – pelo menos até 1909 – lhes pareceu lamentável, mas justificado.

## **Segundo momento**

Esses problemas voltariam a ser colocados com uma maior contundência na década de 1920 e, em minha opinião, é sumamente interessante o que acontece com o anarquismo. Nessa década, o anarquismo argentino se encontrava em franco declive. Já não controlava as principais centrais operárias, atravessava uma situação de importante conflito interno e compreendia mal as mudanças operadas no Estado, com a ascensão do radicalismo<sup>19</sup> ao poder e as peculiaridades com que este enfrentou a chamada “questão social”. Nesse contexto, a aparição fulgurante do antifascista italiano Severino Di Giovanni e seu grupo, com sua sequência de assaltos e atentados, colocou ao anarquismo – entendido como um movimento complexo e plural – duros desafios no que se refere ao uso da violência ofensiva e do atentado.

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

Dos vários atentados perpetrados por Di Giovanni, o mais provocador foi, sem dúvida, a bomba que colocou na manhã de 23 de maio de 1928 no consulado italiano. A explosão da maleta deixada no subsolo do consulado no horário de pico, com mais de duzentas pessoas envolvidas com seus trâmites, resultou em nove mortos e trinta feridos. O cônsul fascista Ítalo Capani, suposto objetivo do atentado, saiu ileso, entre outras razões porque a bomba foi deixada no extremo oposto do seu gabinete. Esse foi o mais chamativo de uma série de atentados que aconteceu na cidade. Tratava-se de um tipo novo de violência, tanto no que se refere aos seus procedimentos, os tipos de bombas utilizadas, quanto à magnitude de suas consequências, pelo desconcerto que semearam tanto na sociedade como entre os anarquistas.

Somava-se aos atentados os recursos aos assaltos com requintes espetaculares que a nascente indústria cultural traduzia como se fossem filmes de ação. Como afirma a historiadora Luciana Anapio: “a violência anarquista do período entre-guerras era desprovida de significação anarquista. Foram ações em um objetivo preciso ou identificável, em ruas, praças, manifestações, lugares cheios de pessoas, sem um cuidado especial na seleção das vítimas. A falta de sentido que envolveu alguns desses atentados favoreceu a identificação do anarquismo com a violência [e] suspeita de infiltração policial”<sup>20</sup>.

Como exposto anteriormente, o anarquismo argentino, na sua época de maior expansão e presença, nunca apelou ao atentado, mesmo quando o contemplava como uma possibilidade. Eram acontecimentos tão excepcionais que somente podiam resultar da própria sociedade que os engendrava com sua violência e suas injustiças. O

caso Radowitzky era único e permaneceu de fora – ainda que tenha sido celebrado – das estratégias apregoadas pela enorme maioria dos militantes libertários. O anarquismo como sistema de ideais permanecia intocado, segundo essa diretriz.

Nesse ponto, não interessa nem a vida de Di Giovanni, suas ações, nem sua aura mitológica; nem nada. Esses detalhes são, no melhor dos casos, carne para má literatura ou para prontuário policial. Ao contrário, interessam-me os debates que geraram seus atentados, em especial o contra o consulado italiano.

Penso que seja essa a conjuntura na qual se pode observar a textura peculiar do discurso anarquista sobre violência. Talvez forçados pelas circunstâncias, eles se viram obrigados a refletir sobre a dimensão moral da violência, sobre a relação entre meios e fins e sobre o problema das vítimas, não como efeito residual, mas como elemento inerente à própria ação violenta.

De fato, Rodolfo González Pacheco, redator do jornal *La Antorcha*, que nada tinha de burocrata do anarquismo, com tom dramático afirmou: “não colocamos de lado, nem ignoramos nenhuma suspeita, por infame que seja. Nunca nada nos poderá nos ferir tão profundamente e despedaça a angústia de agora. Quiséramos ser um dos despedaçados por essa bomba. Sim. Ter caído lá. Sermos os alquebrados, lançados e convulsionados, entre escombros e chamas. E, com o último sopro de vida, arrastarmo-nos de joelhos até aquela criaturinha ferida – sagrada como minhas filhas! – para lhe pedir perdão pela infâmia dos homens. E morrer jurando-lhe que isso não é a anarquia”<sup>21</sup>. E, por fim, se perguntava: “mas essa bomba ali, varrendo e despedaçan-

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

do operários e crianças, que significa então? O que significa a peste que propagam os apodrecidos a seus filhos e netos. A colheita da podridão moral burguesa”<sup>22</sup>.

Com nuances, em todos os setores vinculados ao anarquismo, a bomba no consulado colocou numerosos problemas vinculados à moral. De fato, esse drama se vincula a um problema que o anarquismo nunca equacionou e que, penso, justamente ilumina um de seus maiores sucessos: qual é o meio mais adequado para um fim. Afinal, é viável essa distinção? Seria possível conquistar “a sonhada terra do ideal” com uma violência que, no fim das contas, era apenas ofensiva? Os anarquistas intuíram que as armas que utilizavam os combatentes eram sua essência mesma e que não poderia haver mediação tão truculenta entre os infames Estado e capitalismo e a anarquia. O fato é que os anarquistas não postergavam para o amanhã o sentido de suas ações; o que fazia com que seus atos fossem ou não anarquistas no tempo presente.

Um texto escrito no calor do vendaval provocado por Di Giovanni, também publicado em *La Antorcha* e intitulado “Anarquismo e violência”, explicitava esse problema: “opostos ao sistema de violência que rege os costumes e perpetua o Estado, os anarquistas expressam sempre um juízo invariável: somos inimigos da violência”. Mais radicalmente, segue: “negamos a violência que se faz sistema, quer invoque a autoridade ou um ideal de liberdade. No hábito da violência está a raiz mãe da autoridade e é preciso reconhecer que esse hábito engendra um ambiente de degeneração, em que afundam as ideais e os homens”<sup>23</sup>.

Na perspectiva do artigo – e isso me parece interessante – a violência gera costume, habituação que se expressa na



“histeria da ação” e evidência que Radowitzky e Wilckens encarnavam a mencionada violência defensiva: “eles jamais propalaram a sistematização violenta, não fizeram teoria do atentado. Seus atos obedeceram a um estado de espírito, jamais a uma concepção elaborada *ex-profeso*”<sup>24</sup>.

Para o *La Protesta*, só se podia compreender esses atentados dentro do desenvolvimento da mentalidade fascista e bolchevista, mas nunca no próprio anarquismo<sup>25</sup>. O grupo vinculado a este jornal foi o que mais abertamente se opôs à ação de Di Giovanni, chegando a publicar em suas páginas uma enquete para ser respondida pelos próprios companheiros intitulada inequivocamente “O anarquismo e a delinquência”. O questionário dessa enquete era: “1) o terrorista anônimo que fere, ao acaso, pode ser considerado uma arma do movimento anarquista?; 2) Os assaltos e os roubos a bancos, agências e demais trazem algum benefício para as ideias e para o movimento anarquista ou são contraproducentes?; 3) Qual é sua atitude com relação à bomba no consulado italiano em Buenos Aires?; 4) O apoio aos presos sociais deve ou não destinar-se aos presos em geral?; 5) A solidariedade íntima e completa com os presos não está condicionada pela natureza da causa que os levou a estar atrás das grades? Podemos nos sentir igualmente comprometidos com o preso que cometeu uma contravenção às leis burguesas que nós mesmos estamos dispostos a cometer e com o que cometeu um ato que repudiamos? Está em idêntica situação o preso por um delito de ideias e aqueles encarcerados por um assassinato ou roubo vulgar? É possível comparar o ato de um Radowitzky ou de um Wilckens com o terrorismo posto em prática nos últimos anos em Buenos Aires?”<sup>26</sup>

## Perspectivas

A cultura política forjada pelo anarquismo com tanto esforço e proporcionalmente com tão poucos atentados nas primeiras décadas do século passado foi desativada, ou se atomizou, foi superada por outras opções, ou ainda foi reabsorvida por outras correntes. Não importa nesse momento medir os problemas ou limites que puderam acompanhar seu desenvolvimento, mas sim a latência das perguntas que emergiram com relação ao uso da violência. Está claro que seguiram existindo anarquistas, pessoas ou grupos, mas o fato é que sua presença diminuiu bastante. Mesmo assim, como acontecia em princípios do século XX, ainda hoje, a associação entre anarquismo e bombas sobrevive de forma intocada, e de tal maneira que a bomba com pavio continua representada em grafites, bandeiras e periódicos.

O já citado Luigi Fabbri, em um escrito publicado na década de 1920 intitulado *Influências burguesas no anarquismo*, esboçou uma resposta a essa associação tão persistente – e, em parte, justificada – entre anarquismo e terrorismo. Fabri foi ao surgimento de uma certa literatura estranha ao anarquismo que, fascinada com as bombas, atribuiu uma aura ao anarquista que colocava bombas. Em geral, afirmou Fabbri, essa literatura provinha de meios burgueses e podiam dizer “do que importa as vítimas se o gesto é belo”. Como vimos acima, as vítimas sim importavam muito, e era impossível justificá-las pela própria teoria libertária. Nas suas palavras: “essa espécie de literatura é que fez a maior propaganda terrorista, uma propaganda que, em vão, se buscará em todas as publicações, livros, panfletos e periódicos que são verdadeiramente expressão do movimento anarquista”<sup>27</sup>.

Essa literatura teve um efeito nocivo, segundo Fabbri, que fez com que muitos anarquistas terminassem por aceitar tudo que a burguesia quis atribuir ao anarquismo. Ou seja, o anarquista violento era uma encarnação do que a burguesia tinha visto no anarquismo e o paradoxal era que os anarquistas pareciam, e parecem, encantados com essa ideia. Na Argentina, há um tipo de literatura que não é tanto uma expressão da sensibilidade burguesa – o que quer que isso signifique –, mas uma expressão do pensamento de esquerda, principalmente no que se chamou de *nova esquerda* surgida nas décadas de 1960 e 1970. Como hipótese de leitura é assim que compreendo, por exemplo, a obra de Osvaldo Bayer, muito valiosa em vários pontos, mas absolutamente funcional à vinculação automática entre anarquismo e atentados.

No ambiente dos anos 1970, foi Osvaldo Bayer quem narrou e dotou de uma significação um tanto inovadora os dois momentos dos quais nos ocupamos aqui. Penso que a forma com que o fez foi problemática em seus desdobramentos e atribuiu uma nova dignidade ao atentado anarquista em si mesmo. Parece-me que o efeito de sua obra simplificou demais os debates e exaltou, como no caso de Severino Di Giovanni, uma tradição muito marginal dentro do anarquismo. Nesse sentido, não me parece estranho que seus escritos tenham sido endossados por grupos guerrilheiros na Argentina de princípios dos anos 1970.<sup>28</sup>

O primeiro trabalho que Bayer dedicou ao assunto foi publicado na revista *Todo es Historia*, em 1967, intitulado “Simón Radowitzky, ¿mártir o asesino?”. O título esconde um problema interessante que tem a ver com a valoração do assassinato de Falcón, mas o texto não problematiza o assunto. Ao contrário, após reconstituir e recompor a

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

parábola de vida de Simón Radowitzky, Bayer afirma, a respeito de sua morte e como encerramento de seu artigo: “talvez, ao morrer, encerrou esse capítulo tão estranho e, às vezes, tão inexplicável dos anarquistas que buscavam convulsionar a sociedade com bombardeios indiscriminados... Coisa estranha. Simón R. é dessas aparições que mostram o quão contraditória é a vida, o ser humano, a razão mesma de ser. Matou por idealismo. Que confronto de posições! O mau e o bom, o covarde e o heróico. O braço sagaz que é movido por uma mente pura e bela. Mas as interpretações não valem aqui. S. R. foi o produto de uma época, nada mais”<sup>29</sup>.

Reafirmo que, como vimos, mais além da balbúrdia, do alarme ou do entusiasmo, o excepcional atentado de Radowitzky é elevado, por Bayer, ao grau de “anarquistas que buscavam convulsionar a sociedade com bombardeios indiscriminados”. De outro lado, o drama sem solução por ele exposto (o martírio e o assassinato, o heroísmo e a covardia) é reduzido – como nas interpretações a anarquistas – a uma mera emanção da época.

Esses pruridos hermenêuticos foram descuidados na segunda obra importante de Bayer dedicada ao problema da violência anarquista. Nela, o idealismo é total e se intitula, sem volteios, *Severino Di Giovanni, el idealista de la violencia*. Segundo Bayer, Di Giovanni não é o personagem principal, pois o “personagem principal não poderia ser outro que a sociedade argentina”. Como um Sarmiento, Bayer evoca seu Facundo para que ele lhe dê respostas sobre a trama histórica argentina. Assim, no livro, abundam considerações como “Di Giovanni é o significado da palavra. Realizar a palavra. Ação. A sociedade o condena porque é a que fixa os limites da palavra”<sup>30</sup>. Desse modo,

com esse ponto de partida, é reconstruído o significado de suas ações e seu posterior fuzilamento durante o governo de Uriburu<sup>31</sup>. A valoração da obra depende do gosto de cada leitor. Mas parece interessante ver, no contexto de sua época, que apropriação se fazia do anarquismo. Bayer intervém nos debates da década de 1920 e estabelece uma distinção de duradouros efeitos na percepção posterior do drama e no modo com que esses debates se inscreveram na Argentina da década de 1970, que foi a oposição “anar-cobanditismo *versus* anarquistas de salão”<sup>32</sup>. Desnecessário dizer de que lado era bom ou desejável estar. Por sua vez, a contraposição feita pelos próprios anarquistas entre os “atentados limpos”, como o de Radowitzky contra Falcón e o de Wilckens contra o coronel Varela, e atentados como o realizado contra o consulado italiano é simplificada por Bayer como mero golpe do acaso: “*La Protesta* recorreu ao exemplo clássico dos atentados limpos, como o de Wilckens, como o de Radowitzky. Mas esses argumentos cambaleiam quando são analisados em profundidade. Esses atentados tinham sido limpos ou puros porque o diabo não se intrometeu. O que teria acontecido se a bomba de Wilckens tivesse explodido no bonde, matando a três operárias e a um cobrador? E se os tiros que disparou, ao invés de atingirem o corpo do carrasco, tivessem ferido o olho de uma mãe que naquele momento levava seus filhos à escola ou entrasse na nuca de uma garotinha que buscasse o pão? No caso Radowitzky, se sua bomba, ao invés de cair bem no centro do carro do coronel e seu secretário, tivesse quicado e explodido na calçada matando o condutor e duas velhinhas que iam à igreja?”<sup>33</sup>.

Bayer reflete desse modo e descobre, um pouco tarde, que o que alarmava os contrários aos atentados era

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

o problema da violência em si, já que “uma vez que se opta por ela não se sabe nunca se podem fazer ações limpas ou sujas”. Finalmente, Bayer se pergunta, se dizemos não à violência, “como poderia responder o indefeso de baixo à violência de um Estado onipotente como o fascista?”. Na sua preocupação de restabelecer a dignidade de Di Giovanni e por elevá-lo a uma posição mítica, ao invés de se ater a essa pergunta – que teria implicado numa outra leitura do anarquismo – Bayer segue adiante e não titubeia em afirmar, falando de Che Guevara, que este “chegou a ser um herói indiscutível porque não soube lançar-se às últimas consequências”<sup>34</sup>. Para Bayer, “Di Giovanni é o mesmo. As circunstâncias não o ajudam, tem má sorte”<sup>35</sup>. Fica claro que a inscrição de Di Giovanni, e, com ele, a do anarquismo, no horizonte político e cultural dos anos 1970, necessitava dessas simplificações, evitando certos debates que sua figura despertou.

Algo parecido acontece com a leitura de David Viñas sobre Radowitzky, a quem dedica o livro *De los montoneros a los anarquistas*, editado também nos anos 1970. Nele, passando sobre todas as considerações quanto à ação coletiva que caracterizou o anarquismo de princípios do século XX, o autor erige o assassinato de Falcón como uma metáfora da época. Após narrar com intensidade o próprio atentado, Viñas conclui: “quando Radowitzky elimina o chefe da polícia, não apenas escolhe quem condensa ao máximo a violência do sistema, como também se destaca como a imagem da imigração frustrada. Seu ato dá sentido a todo um fracasso sem voz. E para concluir: com sua violência lançada contra o brilhante e inquieto apogeu da burguesia oligárquica, acaba por ser simétrico, correlativo e complementar à repressão exercida pela bur-

guesia contra o Chacho em 1863<sup>36</sup>. De forma simbólica, os anarquistas vingam os montoneros. É que, no curso de cinquenta anos, os carrascos da elite começam a se transformar em vítimas e sua agressividade crescente se converte em sobrevivência e reação. Por isso, a ação aparentemente individual de Radowitzky prefigura, em segredo, a morte de um sistema”<sup>37</sup>.

As singularidades e as especificidades históricas se fundem em uma mesma linha de sentido que, em última instância, uniria Chacho Peñaloza, caudilho federal que se opôs à centralização de Buenos Aires no século XIX, aos militantes dos anos 1970, devorando na passagem os anarquistas, que somente teriam sentido em função dessa argumentação e como parte do mesmo relato. Com candidez similar, há alguns anos, a revista *Sudestada* afirmou algo parecido quando sustentou que a burguesia não pôde dormir diante da ameaça lançada por Radowitzky.<sup>38</sup>

No entanto, insisto sobre esse ponto: Radowitzky não pretendia – pelo que pareceu e interpretaram seus coetâneos – assumir que sua violência poderia perturbar a ordem estabelecida. Poderia abalar e sacudir; poderia até mesmo recrudescer a ação policial, mas não propiciaria, além do ato em si, uma instrumentalização da violência em termos políticos. Não porque não fosse revolucionário – algo que não poderia ser questionado –, mas porque essa utilização da violência era de todo estranha à tradição política a que pertencia. Não foi sua pontaria o que o diferenciou de Di Giovanni, como afirma Bayer, mas a própria intenção por trás do atentado. Isso é o que de algum modo faz com que, sem truques literários, a forma pela qual os anarquistas problematizaram o uso da violência tenha sido irrecupe-

rável nos anos 1970, a não ser com grandes simplificações no argumento. De fato, pela própria deriva da história argentina, os anarquistas estavam – e, na minha opinião, ainda bem – na contramão do que aconteceu com a esquerda argentina nos anos 1960 e 1970.<sup>39</sup>

Carlos Brocato, que considero o melhor crítico dentro do campo da própria esquerda, marcou nos anos 1980 essa diferença que passou por alto para muitos intelectuais da esquerda. No seu infelizmente esquecido livro *A Argentina que quisieron*, a melhor, mais radical e precoce análise sobre a aporia guerrilheira, assinalou que: “A maior parte das ações terroristas daqueles anarquistas acabava com a sua detenção ou morte. Muitas vezes isso acontecia porque o faziam com uma técnica conspirativa elementar e, em outras, porque deliberadamente agiam descobertos. A técnica era primitiva porque, a rigor, o atentado terrorista devia mostrar categoricamente a grandeza moral dos que se lançavam a essa causa justa... Eram os que em carne e espírito lançavam a bomba sobre a figura odiada e morriam na explosão ou restavam totalmente indefesos para a fuga”<sup>40</sup>.

O autor também destacou que o problema da violência explicitava no campo da esquerda o problema dos princípios que colocavam em jogo o que mais afetava a um homem das esquerdas em seu senso moral. Para Brocato, a experiência da luta armada argentina dos anos 1970 constatou que foi nesse ponto onde a derrota foi mais sensível, já que a derrota moral é uma que se infringe a si próprio: ela não extrai conclusões de cálculo de probabilidade nem da confrontação travada contra um inimigo. Mesmo em caso de triunfo, poderia haver uma derrota em termos morais, e foi essa derrota que os anarquistas previram na



generalização da violência; por isso, nem nos momentos mais graves deixaram de questioná-la e, inclusive, guardadas suas ambiguidades, de criticá-la.

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.

## Notas

<sup>1</sup> Manuel Pedro Quintana (1835-1906), presidente da Argentina entre 1904 e 1906 (N.T.).

<sup>2</sup> “El atentado de ayer” in *La Nación*. Buenos Aires, 12 de agosto de 1905.

<sup>3</sup> É preciso esclarecer que se a primeira reação dos anarquistas foi de certo estranhamento e desconhecimento da figura de Planas; ele, com o tempo, se converteria em um dos mártires vivos do movimento. Por ele e por Solano Regis – quem também, em princípios de 1908, atentou sem sucesso contra a vida do presidente da república José Figueroa Alcorta – foram feitas inúmeras campanhas a favor de sua libertação. No início de 1911, ambos escaparam por um túnel da Penitenciária Nacional, acompanhados por outros onze presos comuns e com a ajuda de companheiros de fora da prisão.

<sup>4</sup> Sobre Salvador Planas e diferentes aspectos de sua vida e peculiar sensibilidade é possível consultar o notável informe pericial do médico Francisco de Veyga. “El anarquista Planas Virella” in *Archivos de psiquiatria, criminología y ciencias afines*. Buenos Aires, 1906, pp. 513-548.

<sup>5</sup> “Nuestro número extraordinario” in *Caras y Caretas. Semanario festivo, literario, artístico y de actualidades*. Buenos Aires, Número extraordinário, 20 de setembro de 1900.

<sup>6</sup> “Primer aniversario del despanzurramiento del cruel Carnot” in *El Perseguido*. Buenos Aires, 24 de junho de 1895.

<sup>7</sup> “Víctimas y verdugos” in *La Protesta Humana*. Buenos Aires, 5 de agosto de 1900.

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

<sup>8</sup> Eduardo Gilimón foi um anarquista, escritor e jornalista espanhol que imigrou para a Argentina no final do século XIX, sendo um dos editores do *La Protesta* (N.T.).

<sup>9</sup> Eduardo Gilimón. *Los atentados anarquistas. Ligeras consideraciones*. Buenos Aires, Bautista Fuego, 1907, p. 14.

<sup>10</sup> Idem, p. 15.

<sup>11</sup> A “Greve dos Inquilinos” foi como ficou conhecida uma série de levantes contra o aumento dos aluguéis que estourou em Buenos Aires e outras cidades argentinas, espalhando-se por cortiços e casas dos bairros operários, entre agosto e novembro de 1907, com grande participação de militantes anarquistas (N.T.).

<sup>12</sup> Sobre as repercussões públicas do assassinato do chefe de polícia Ramón Falcón, ver Sandra Gayol e Mercedes García Ferrari. “El atentado a Ramón Falcón. Significados políticos y construcciones simbólicas en torno al asesinato de un Jefe de Policía (1909)”. Trabalho apresentado nas *XIII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Catamarca, 10, 11, 12 e 13 de agosto de 2011. Facultad de Humanidades, UNC.

<sup>13</sup> “La ejecución de un verdugo y el miedo de un tirano” in *La Protesta*. Buenos Aires, 16 de janeiro de 1906.

<sup>14</sup> “Irresponsabilidad de Simón Radowski” in *La Protesta*. Buenos Aires, 27 de janeiro de 1909.

<sup>15</sup> Santiago Locascio. “Aplauso o condena” in *La Protesta*. Buenos Aires, 29 de janeiro de 1910.

<sup>16</sup> O autor se refere ao atentado que Karl Gustav Wilckens (1886-1923), anarquista alemão radicado na Argentina, perpetrou contra Héctor Varela, tenente-coronel do exército que havia comandado a execução de anarquistas que se revoltaram na província patagônica de Santa Cruz entre 1920 e 1921, em episódio conhecido como “Patagônia Rebelde”. Para saber mais ver Osvaldo Bayer. *Patagonia rebelde*. Buenos Aires, Planeta, 2007 (N.T.).

<sup>17</sup> Um dos atributos dos “assassinos delicados” para Camus era o fato de que extraíam sempre as consequências de seus atos pelas características inerentes ao tipo de atentado que colocavam em prática, sem necessidade de apelar a fatores externos a eles. Para Camus,

são “homens exigentes, os últimos, na história da rebelião que não repudiarão nada de sua situação de seu drama (...) A história oferece poucos exemplos de fanáticos que tenham sentido escrúpulos durante a luta (...). A melhor homenagem que lhes podemos render é que hoje não poderíamos fazer-lhes nenhuma pergunta que não se tenham feito e que não tenham respondido, em parte com sua vida ou com sua morte”. Albert Camus. *El hombre rebelde*. Buenos Aires, Losada, 2003, p. 197 [Em português: *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Record, 1996].

<sup>18</sup> Luigi Fabbri. *Influencias burguesas en el anarquismo*. Paris, Ediciones Solidaridad Obrera, 1959, p. 41.

<sup>19</sup> O autor refere-se ao partido Unión Cívica Radical, fundado em 1891 e, até hoje, uma das principais forças políticas partidárias da Argentina, disputando espaço com o Partido Justicialista, de inspiração peronista (N.T.).

<sup>20</sup> Luciana Anapios. *El movimiento anarquista en Buenos Aires durante el periodo de entreguerras*. Tese de Doutorado. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2012, p. 198.

<sup>21</sup> Rodolfo González Pacheco. “La cosecha” in *La Antorcha*. Buenos Aires, 26 de maio de 1928.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Emilio Roqué. “Anarquismo y violencia” in *La Antorcha*. Buenos Aires, 11 de maio de 1928.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> “Problemas del anarquismo. La cuestión moral” in *La Protesta*. Buenos Aires, 7 de abril de 1929.

<sup>26</sup> “Encuesta: el anarquismo y la delincuencia” in *La Protesta*. Buenos Aires, 6 de abril de 1929.

<sup>27</sup> Luigi Fabbri, 1959, op. cit., p. 6.

<sup>28</sup> Sobre a recepção do anarquismo nos grupos armados por meio da obra de Bayer, ver pista recuperada por Vera Carnovale. *Los combatientes. Historia del PRT-ERP*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2011, p. 164.

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

<sup>29</sup> Osvaldo Bayer. “Simón Radowitzky ¿mártir o asesino?” in *Revista Todo es Historia*. Buenos Aires, ano I, agosto de 1967, p. 79.

<sup>30</sup> Osvaldo Bayer. *Severino Di Giovanni, el idealista de la violencia*. Buenos Aires, Legasa, 1989, p. 11.

<sup>31</sup> José Félix Uriburu (1868-1932) foi um general que liderou golpe de Estado, em 1930, ficando como presidente até sua morte (N.T.).

<sup>32</sup> De forma constante, para Bayer, o agir de Di Giovanni impacta no movimento anarquista gerando oposições binárias extremamente maniqueístas. A mencionada oposição entre anarcobandidos e anarquistas de salão é um desdobramento de outra: “libertários democráticos” versus “anarquistas revolucionários”. Ver Osvaldo Bayer, 1989, op. cit., p. 121.

<sup>33</sup> Idem, pp. 110-111.

<sup>34</sup> Osvaldo Bayer apud Álvaro Abós. “La seducción de la bomba”, publicado originalmente na *Revista Fierro*. Buenos Aires, 14 de outubro de 1985. Ver, também, Osvaldo Bayer. “Di Giovanni y la teoría de los dos demonios. La polémica Abós-Bayer” in *Rebeldía y esperanza*. Buenos Aires, Página 12, 2009, pp. 25-57.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> O autor se refere a Ángel Vicente Peñaloza (1798-1863) caudilho argentino partidário do sistema federalista que lutou contra as forças político-militares que defendiam a centralização administrativa do país. Foi assassinado por seus captores após derrota em combate, em novembro de 1863 (N.T.).

<sup>37</sup> David Viñas. *Rebeliones populares argentinas. De los montoneros a los anarquistas*. Buenos Aires, Carlos Pérez editor, 1971, p. 271.

<sup>38</sup> Ver: “Simón Radowitzky: un mito anarquista” in *Revista Sudestada*. Buenos Aires, n. 87, abril de 2010.

<sup>39</sup> Esse problema está esboçado num pequeno trabalho que realizamos com Pablo Gallardo há muito anos sobre anarquismo e a nova esquerda na Argentina. Nesse trabalho, recuperamos as críticas de Ema González Pacheco, filha do citado Rodolfo, aos grupos guerrilheiros. Por exemplo, diante das chamadas “prisões do povo”, nas quais os grupos armados mantinham cativos, sob a acusação que fos-

sem os “inimigos” sequestrados, Ema González exclamava: “ao inalar a petulância que se desprende de alguns comunicados guerrilheiros, nossa saudável repugnância aos sistemas repressivos nos deixa alertas e nos lança à luta dispostos a nos opor, como sempre, a todos os que pretendem implantar e sustentar seus regimes com polícias, prisões e carcereiros”. Ema González. “Postulantes a sicarios” in *La Protesta*. Buenos Aires, agosto de 1971.

<sup>40</sup> Carlos Brocato. *La Argentina que quisieron. Después de la destrucción estatal y foquista; ¿qué moral civil es posible reconstruir?*. Buenos Aires, Sudamericana-Planeta, 1985, p. 164.

Uma aproximação ao problema do anarquismo...

*Resumo*

*O artigo propõe uma análise da prática dos atentados políticos na sensibilidade anarquista de finais do século XIX e começos do século XX. Atentados de Simón Radowitzky e Severino di Giovanni propiciaram uma reflexão sobre as relações entre meios e fins, sobre as justificações dos atentados, sobre o problema da violência e da moral na revolução. Finalmente, o artigo recompõe o ambiente no qual o terrorismo anarquista foi evocado pela chamada nova esquerda argentina nas décadas de 1960 e 1970.*

*Palavras-chave: anarquismo, violência, terrorismo.*

*Abstract*

*This article intends to analyze the political attempts in the anarchist sensibility since the latest XIX<sup>th</sup> century and the beginning of the XX<sup>th</sup> century. Attempts by Simón Radowitzky and Severino di Giovanni permitted a reflection on the end-means relationship, and also on the attempts justifications, the problem of violence and the moral of the revolution. Finally, the article reconstitutes how the anarchist terrorism was evoked by the so-called Argentinean new left during the 1960's and 1970's.*

*Keyword: anarchism, violence, terrorism.*

***An approach to the problem of the anarchism and the attempt practice in Argentina (1890-1930), Martín Albornoz.***

*Recebido em 10 de julho de 2013. Confirmado para publicação em 19 de agosto de 2013.*